

ARQUIVOS DA MEMÓRIA EM A *DOR* DE MARGUERITE DURAS

Maria Cristina Vianna Kuntz¹

Resumo: *A Dor* é uma coletânea de seis narrativas que registra acontecimentos do período da Ocupação alemã na França. Freud explica que a violência e as guerras causam enormes traumas no indivíduo (2010). Durante dois anos, a autora viveu à espera do marido internado nos campos de concentração o que lhe causou enorme angústia. Ricoeur aponta para a possibilidade de representação de uma imagem presente semelhante à impressão “de um anel sobre a cera” (2000, p.8). Neste sentido, vemos na escrita de Duras em *A dor*, a representação de suas memórias nesse tempo de grande sofrimento.

Palavras-chave: Literatura Francesa; memória; autobiografia; Duras; Ocupação

Marguerite Duras (1914-1996) nasceu em Gia-Dhin, na Conchinchina, Vietnã, de pais franceses, professores que imigraram para a colônia, em busca de exotismo e seguindo um apelo patriótico. Aos dezessete anos, ela vai para a metrópole e jamais voltará à terra natal. Em Paris, dá início (1943) à sua produção literária que só se encerrará um ano antes de sua morte (*C'est tout*, 1995). Duras é, hoje, considerada uma das mais importantes escritoras da Literatura Francesa da segunda metade do século XX.

Escritora midiática *avant-la-lettre*, com mais de cinquenta títulos entre romances, peças de teatro, filmes e crônicas, foi traduzida em mais de quarenta línguas. Em 1984, recebe o *prix Goncourt* com seu livro autobiográfico, *O Amante*.

No ano seguinte, publica *A dor*, também autobiográfico, que focaliza, além de um período sombrio de sua vida, acontecimentos históricos de que participou. Trata-se de uma espécie de diário escrito nos anos 1940, durante a Ocupação alemã na França, enquanto aguardava a volta de seu marido que estava preso em um campo de concentração, junto com outros judeus condenados ao extermínio.

¹ doutora em Literatura Francesa (USP-2005), profa. de Literatura Francesa, ensino à distância na Cogea-PUCSP (2003-2013); publicou: *Marguerite Duras: trajetória da mulher, desejo infinito* (São Paulo: Baraúna, 2014); pós-doutoranda em Literatura Comparada (USP). cvkuntz@uol.com.br

Freud explica em *O mal-estar da civilização* que a violência e as guerras causam enormes traumas no indivíduo ou dele exigem solidez psíquica para sua superação (2010). Ora, a constante ameaça de solidão e de morte (do companheiro e dela própria) provoca em Duras imensa angústia.

Em *La mémoire, l'histoire et l'oubli*, Ricoeur ressalta "a impressão enquanto afeição, resultante do choque como acontecimento impressionante, marcante" (2000, p.16)². Neste sentido, a representação feita é a de uma imagem presente semelhante à impressão "de um anel sobre a cera" (Id., Ib., p.8). Embora Aristóteles tenha ensinado que "a memória é o passado" (Id., Ib., p.19), Duras escreveu suas lembranças provavelmente ao mesmo tempo em que se desenrolavam os acontecimentos narrados, ou talvez um pouco depois. Portanto, não seria um trabalho de *remémoration*, de resgate, mas Duras quis captar sua experiência do momento "em profundidade" (Id., Ib., p.9). Ela seria, pois, o *histor* de Heródoto, aquele que testemunhou o acontecimento e narra sua experiência "porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, [...] esta retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo" (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Adorno nos adverte da importância da "luta contra o esquecimento" em oposição a "atividades comemorativas, restauradoras" (cf. Id, Ib., p.100). Nesta intervenção, pretendemos examinar de que maneira a dor pungente da autora se vale da memória como "impressão na cera" e a transforma em escrita (*graphein*) autobiográfica, memorialista e/ou ficcional.

Distinguindo a autobiografia, que diz respeito ao sujeito, das "memórias" marcadas pela objetividade da abordagem do contexto histórico e da coletividade (cf. LECARME, 1999, 47-48), em certo sentido, poderíamos considerar esta narrativa como "memórias de Duras" ou "memórias da Ocupação".

1 A dor: a coletânea

² "Autre est l'impression en tant qu'affection résultant d'un choc, d'un événement dont on peut dire qu'il est frappant, marquant" (RICOEUR, 2010, p16-Trad. do autor).

No início dos anos 1980, Duras sofre uma grave crise de saúde que a abala profundamente. Para recuperar-se, seu filho propõe-lhe que escreva as legendas para as fotos de sua infância e ela acaba por escrever seu romance autobiográfico - *O Amante* (1984). No ano seguinte, publica *A dor*, também autobiográfico. Trata-se de uma espécie de diário que Duras declara ter achado em seus armários (*Les Cahiers Bleus*, parte do *Cahiers de la Guerre*, vindo a lume postumamente, em 2006) e resolve publicá-lo.

Talvez tenha acompanhado uma onda de memórias que emergiu em toda a Europa, dado o distanciamento dos terríveis acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1940-45).

Sabemos, porém, que a autora sofrera em 1982, uma internação durante dois meses em um hospital e teria estado à beira da morte (cf. ADLER, 1998, p.765). Portanto, consideramos que o resgate de suas memórias tenha nascido de um desejo de reconsiderar, reavaliar, reelaborar alguns períodos marcantes de sua vida. Como declara em relação à escrita d'*O Amante*:

Antes, falei dos períodos claros, dos que estavam esclarecidos. Aqui falo de períodos secretos dessa mesma juventude, das coisas que oculte sobre certos fatos, certos sentimentos, certos acontecimentos. (DURAS, 1985b, p.12)³

O fato de tentar fixar esse período de extrema angústia na escrita cotidiana consistiria em tentar sobreviver à constante ameaça de morte, como reflete Alfredo Bosi: "quem lembra, enquanto lembra está triunfando sobre a morte" (1990, p.70). Assim, a escrita vai dar-lhe forças nesse período tão difícil.

Mas certamente acreditamos que sua publicação também teria como principal finalidade o registro desse período de terror vivido por ela, pela França, pelo mundo.

Este livro compõe-se de seis narrativas, das quais as duas primeiras narram a

³ "Avant j'ai parlé des périodes claires, de celles qui étaient éclairées. Ici je parle des périodes cachées de cette même jeunesse, de certains enfouissements que j'ai opérés sur certains faits, sur certains sentiments, sur certains événements". (DURAS, 1984, p.14)

angústia da espera e as duas seguintes contam acontecimentos ocorridos com ela, durante a Liberação, portanto, logo após o final da Segunda Guerra Mundial. As duas últimas - "*Urtiga partida*" e "*Aurelia Paris*"- estão relacionadas à guerra, mas são "inventadas", isto é, são ficcionais, entretanto em um pequeno prólogo, Duras as iguala às primeiras e as considera "textos sagrados" (1986, p.134).

Assim, observamos que essas narrativas foram retomadas pela autora quarenta anos depois, provavelmente com o intuito de perpetuar esse capítulo histórico e suas consequências e desta forma, evitar seu esquecimento.

No início da narrativa, a autora já estabelece um pacto autobiográfico, declarando a intenção de verdade e de importância: "*A Dor é uma das coisas mais importantes de minha vida*" (DURAS, 1986, p.8)⁴. O leitor aceita, pois, esse pacto e passa a apreender os sentimentos da autora-personagem-narradora.

Em meio às confissões mais íntimas, subjetivas portanto, constata-se a objetividade da abordagem das circunstâncias históricas. Veremos que Duras contextualiza essas narrativas com elementos de realidade atestada, fatos verídicos, datas, lugares, dados históricos que constituem testemunhos de uma época de incontestável relevância. Desta forma, a autora confere à autobiografia desta fase um cunho memorialístico (cf. LECARME, 1999).

2 A primeira narrativa: "A dor"

A *dor* consiste em um diário, que registra o estado de tensão da escritora atormentada à espera de seu marido, Robert L. que fora levado pelos alemães para os campos de concentração, em 1943.

Em Abril de 1945, a protagonista narradora acha-se completamente cansada, esgotada e deixa-se levar pelo pressentimento de que certamente seu marido já estaria morto. No final da guerra, os sobreviventes dos campos eram fuzilados para não poderem contar o que sofreram, o que viram. Os alemães queriam apagar os rastros de sua barbárie.

⁴ "*La Douleur est une des choses les plus importantes de ma vie*". (DURAS, 1985, p.10)

Desde o início da narrativa, o sofrimento vai-se somatizando: ela sente o constante “latejar nas têmporas” (DURAS, 1986, p.11)⁵; sequer consegue comer pensando que ele certamente teria morrido de fome: “o pão é aquele que ele não comeu” (Id., Ib., p.15)⁶. Assim, a possível morte dele a invade: “sua morte está em mim” (Id., Ib., p.11)⁷; “Adormeço junto dele todas as noites, na vala escura, junto dele morto” (Id., Ib., p.15)⁸. Seu desespero aumenta à medida que a guerra se encaminha para o fim, porque ela vê chegarem milhares de prisioneiros e deportados, menos ele. Todos os dias, Marguerite ia à estação d’Orsay em busca de alguma notícia de seu marido: vivo ou morto.

Aos poucos, a esperança vai-se desvanecendo e ela se entrega ao sentimento de morte e quer morrer também; sustenta-a apenas a força de D. (Dionys Mascolo), o amigo que diariamente a visita e tenta cuidar dela. Finalmente, avisado pelo outro amigo Morland, chefe da Resistência, é Dyonis que vai até Dachau e consegue resgatar R. (Robert Antelme).

Em maio de 1945, com sua chegada, tem início o calvário para seu restabelecimento. Quando Marguerite o vê, não o reconhece: a reação é descontrolada, são berros, gritos de horror. Começa, então, a batalha pela sobrevivência. Duras conta minuciosamente seu esforço e sua alegria a cada dia de melhora desse ser que voltou quase inanimado (trinta e dois quilos para um metro e oitenta de altura): “[...] aquela forma ainda não estava morta, flutuava entre a vida e a morte” (Id., Ib., p.65)⁹.

A luta de Robert pela vida correspondia ao esforço que certamente fizera para sobreviver aos campos:

[...] Era na verdade um cheiro sombrio, espesso como o reflexo daquela noite espessa da qual ele emergia e que jamais chegaríamos a conhecer. (Id., Ib., p.68)

[...] Como saber o que havia ainda naquela barriga de desconhecido, de dor? (Id., Ib., p.69)¹⁰

⁵ “*battements dans les temps*”. (DURAS, 1985, p.130)

⁶ “*elle va vomir le pain qu’il n’a pas mangé*”. (Id., Ib., p.17)

⁷ “*sa mort est en moi*”. (Id., Ib., p.13)

⁸ “*je m’endors près de lui tous les soirs, dans la fosse noir, près de lui mort*”. (Id., Ib., p.17)

⁹ “*Cette forme n’était pas encore morte, elle flottait entre la vie et la mort*”. (DURAS, 1985, p.66)

¹⁰ “*C’était là en effet une odeur sombre, épaisse comme le reflet d’une nuit épaisse de laquelle il émergerait que nous ne connaîtront jamais*”. (Id., Ib., p.69)

“*Comment savoir ce que ce ventre contenait encore d’inconnu, de douleur?*” (Id., Ib., p.70)

Mas a angústia da protagonista não cessou com o restabelecimento de seu marido: persistiram os sintomas da depressão e o desejo de morrer:

Acordo imersa em assombro, é abominável, a cada vez sinto que ele morreu durante o meu sono. [...] sinto-me muito perto da morte que desejei. [...] Minha identidade deslocou-se. Sou apenas aquela que acorda com medo. Aquela que deseja em lugar dele, por ele. [...] Às vezes me espanto por não morrer: uma lâmina gelada profundamente enterrada na carne viva, de noite, de dia, e mesmo assim sobrevivemos. (Id., Ib., p.73)¹¹

O reencontro do marido desperta nela o sentimento ambíguo de “terror e piedade”, defronta-se com "o olhar vazio da morte" (PEREIRA, 2008, p.84), isto é, desejaria compreender o inimaginável pelo qual ele passara. A alegria de vê-lo vivo mistura-se ao horror da guerra e dos campos, horror que o ser humano *é capaz de engendrar*: "O mundo inteiro olha a montanha, a massa de morte que a criatura de Deus ofereceu a seu próximo" (DURAS, 1986, p.59)¹².

Portanto, escrevendo esse diário, os "*cahiers*", talvez a autora tenha conseguido superar seu mutismo e sua depressão nessa fase traumática. Justamente através da escrita, tentaria ultrapassar os terríveis acontecimentos.

3 A segunda narrativa: "Sr. X. aqui chamado Pierre Rabier"

A narradora relata em primeira pessoa, seu relacionamento com um francês colaboracionista - Pierre Rabier. Ele trabalhava junto à polícia especial e, tendo visto Marguerite algumas vezes à espera de atendimento, oferece-se para entregar as encomendas a Robert, preso pela Gestapo. Começa a aproximar-se dela, marcar encontros e ela aceita, com a esperança de que realmente ele cumpra as promessas. Ela divide a narrativa em dois momentos: um primeiro que "Foi o período do medo, a cada dia, atroz, esmagador" (Id., Ib., p.94)¹³.

¹¹ "[...] *Je me reveille dans l'épouvante, c'est abominable, chaque fois je crois qu'il est mort pendant mon sommeil. J'ai toujours cette petite fièvre nocturne. [...] Je me sens très proche de la mort que j'ai souhaitée. [...] Mon identité s'est déplacée. Je suis seulement celle qui a peur quando elle se réveille. Celle qui veut à sa place, pour lui. [...] Parfois je m'étonne de ne pas mourir : une lame glacée enfoncée profond dans la chair vivante, de nuit, de jour et on survit*". (Id., Ib., p.74-75)

¹² "*Le monde entier regarde la montagne, la masse de mort donnée par la créature de Dieu à son prochain*". (DURAS, 1985, p.60)

¹³ "*La première période [...] C'est celle de la peur, chaque jour, atroce, écrasante.*". (Id., Ib., p.96)

O segundo será aquele em que seus amigos da Resistência decidirão a prisão de Rabier invertendo-se, pois, a posição: “O medo continuou, decerto, mas às vezes transformado na delícia de haver decretado sua morte” (Id., Ib., p.94)¹⁴.

Assim, Marguerite torna-se praticamente uma agente dupla: finge estar interessada em Rabier, mas acaba por entregá-lo à Resistência. Nesse meio tempo, teme que ele suspeite de suas relações e se sente constantemente ameaçada de morte por ele próprio. Essa narrativa mostra claramente a situação da Ocupação na França ao final da Segunda Guerra:

Todas as noites, escrevo o que se passou no encontro com Rabier, o que eu soube de falso ou verdadeiro a respeito dos comboios de deportados para a Alemanha, as notícias da Frente, a fome em Paris. Não temos realmente mais nada, fomos cortados da Normandia [...]. Também assinalo num mapa do estado maior, o avanço das tropas aliadas na Normandia e em direção à Alemanha, dia após dia. (Id., Ib., p.95)¹⁵

No final, ele será preso e executado pela própria polícia da Liberação e ela testemunhará em seu julgamento. Em meio a seus relatos, Duras comenta o horror causado por essa guerra insana:

Rabier tinha medo dos colegas alemães. [...] Ele não sabia até que ponto os alemães amedrontavam a população dos países ocupados pelos seus exércitos. Os alemães provocavam medo como os hunos, os lobos, os criminosos, mas principalmente como os psicopatas. (Id., Ib., p.101)¹⁶

¹⁴ “C’est celle de cette même peur, certes, mais qui parfois verse dans la délectation d’avoir décidé de sa mort”. (Id., Ib., p.96)

¹⁵ “Je note chaque soir ce qui s’est passé avec Rabier, ce que j’ai appris de faux ou de vrai sur les convois des d’eportés vers l’Allemagne sur les nouvelles du Front, la faim à Paris, il n’y a vraiment plus rien, nous sommes coupés de la Normandie sur laquelle Paris a vecu endant cinq ans. [...] Je pointe aussi sur une carte de l’état major l’avancée des troupes alliées en Normandie et vers l’Allemagne, jour après jour”. (Id., Ib., p.97)

¹⁶ “Rabier avait peur de ses collègues allemands. [...] Rabier ne savait pas a quel point les Allemands

4- - A terceira narrativa: "Albert do bar les Capitales"

Esta narrativa relata a prisão e o inquérito de um delator. A narração é em 3ª pessoa e a autora empresta o nome de uma personagem - Teresa -, mas no prefácio, explica que é ela mesma que atua. A narradora conta cenas de tortura extremamente violentas que retratam a reação da Resistência após a Liberação. Teresa chefia o interrogatório e não demonstra a mínima complacência em relação ao prisioneiro: "É preciso bater. Nunca mais haverá justiça no mundo se neste momento não formos a justiça" (DURAS, 1986, p.151) ¹⁷.

Finalmente, após muita humilhação e sofrimento, o prisioneiro, exangue, acaba por confessar. Há, porém, um grupo dissidente, mais brando que critica Teresa. Contudo esta se conserva firme: "Teresa diz que não, que já foram pacientes demais". (Id., Ib., p.136) ¹⁸.

Ela achava mesmo que, perante tudo o que os franceses sofreram, seria preciso matar os prisioneiros alemães. Portanto, ficam patentes as reações do grupo da Resistência que tanto lutou para conseguir a derrota final dos alemães e a intolerância de Duras perante a barbárie.

5 A quarta narrativa: "Ter - o militante"

Esta narrativa é mais curta. O narrador de terceira pessoa conta a prisão de um ex-policial, na verdade, apenas um garoto de vinte-e-três anos que queria "usar uma arma" e se tornou secretário de Lafont, chefe do principal grupo colaboracionista de Paris: o grupo Bonny-Lafont - (Pierre Bonny e Henri Lafont chefiavam o grupo da polícia francesa submissa à Gestapo). Nessa função, ele gozava das facilidades do mercado negro, isto é, luxo, comidas, festas, mulheres etc.

faisaient peur aux populations des pays occupés par leurs armées. Les Allemands faisaient peur comme le Huns, les loups, les criminels, mais surtout les psychotiques du crime". (Id., Ib., 103-4)

¹⁷ "Il faut frapper. Il n'y aura plus jamais de justice dans le monde si on n'est pas soi-même la justice en ce moment-ci" (Id., Ib., p.155).

¹⁸ "Therèse dit qu'il ne faut plus être patient, qu'on l'a assez été" (Id., Ib.,p.140).

O prisioneiro é levado para uma célula da Resistência onde estão muitos espanhóis interessados em recuperar armas para poderem retomar a luta contra Franco. A caminho da central Richelieu, Teresa, D. e Ter presenciam o burburinho da cidade sem policiamento havia três dias, porque o povo, tomado pela alegria da liberação, se rebelara após cinco anos de Ocupação: "As pessoas estão possuídas por um frenesi de desobediência, uma embriaguez de liberdade " (DURAS, 1986, p.174)¹⁹.

Ter é levado por Teresa e outro companheiro para sua cela. Ele sabe que será executado no dia seguinte; pede a ela um pouco mais de pão e cartas para jogar com os outros; ele reconheceu sua culpa, mas tenta se divertir até o final. Assim, Duras conta um pouco da diversidade de pessoas que se aliaram ao inimigo a fim de obter privilégios, conservar o poder ou ainda por motivos fúteis. Por outro lado, como militante da Resistência, mostra sua ativa participação no acerto de contas com os colaboracionistas.

Estes textos deixam patentes a indignação e a ação de Duras perante o sofrimento imposto ao povo Francês pelos alemães. Essa posição firme, inconformada e inexorável transparece em toda sua obra, não só contra a violência da Shoah e da guerra em si, mas contra toda forma de opressão contra o ser humano. Em "*Le rêve heureux du crime*" (crônica de *Outside*), ela iguala os crimes nazistas aos de Stalin, de Pinochet ao do Xá do Iran. Peremptoriamente, condena "o jogo do poder" que "toma o partido contrário à espécie humana" (1984, p.356)²⁰.

Conclusão

Aristóteles ensinou que "a memória é o passado" (cf. RICOEUR, 2000, p.8). Em *A dor* a narradora autora conta os terríveis momentos vividos por ela nos anos 1940 e embora comente que teria sido incapaz de escrever esse diário durante a espera da volta do marido, as minúcias de seu relato nos permitem imaginar que não tenha se passado muito tempo desses acontecimentos.

¹⁹ "*Une frénésie de désobéissance, une ivresse de liberté s'est emparé des gens*". (Id., Ib., 178)

²⁰ "[...] *dans le jeu du pouvoir [...] c'est prendre parti contre l'espèce humaine*". (DURAS, 1984, p.356 Trad. do autor)

Ricoeur aponta para as várias formas de representação (*eikón*) que podem apresentar algo “ausente” ou percebido “anteriormente”; pode acontecer o “esquecimento” com apagamento de “traços”, ou ainda a representação de uma imagem presente semelhante à impressão “de um anel sobre a cera” (Id. Ib., p.8).

É neste sentido que vemos a escrita de Duras em *A dor*. Se Duras não escreveu concomitantemente ao desenrolar dos acontecimentos, por certo seus sentimentos foram tão pungentes que estariam gravados em sua memória como "anel sobre a cera". Assim, ela teria apreendido as imagens da dor, das ameaças de morte, da indignação ante o sofrimento imposto pelo invasor a toda uma nação e as transforma em palavras; como diz Danielle Bajomé: "A dor da separação, a vertigem da ausência (de Robert) levam ao coração mesmo da obra, se não for talvez ao coração da vida de Duras" (BAJOMÉ, 1994, p.249)²¹.

Considerando a obra de Duras, percebe-se nestas narrativas, que a escrita estará intimamente ligada a outros ecos dolorosos, marcantes, como a "a dor de Calcutá" (*Le Vice-Consul*) que se transforma em "dor de Duras", estendendo-se "à dor da França" e a de todos os deportados e prisioneiros durante a Ocupação e a Segunda Guerra Mundial.

Madeleine Borgomano lembra, ainda, que a escrita de Duras se constrói entre memória e esquecimento que se unem em "uma massa negra e fechada" onde as "coisas da vida são tragadas" e "morrem para a clara memória" antes de ressurgir "desconhecidas" e de "recobrir o papel branco" ²². Desta forma, a escrita de *A dor* estaria entre o esquecimento dos *Cahiers Bleus* que ela recupera quarenta anos depois, a fim de deixar sua memória, seu testemunho para a posteridade.

²¹"La douleur de l'arrachement, le vertige de l'absence portent au coeur même de l'oeuvre, si ce n'est, peut-être, au coeur de la vie de Duras" (BAJOMÉ, 1994, p.249).

²²"Dans une équivalence apparemment paradoxale, mémoire et oubli se fondent en "une masse noire et close" où "les choses de la vie s'engouffrent" et "meurent à la mémoire claire " avant de ressurgir, " méconnaissables ", et de "recouvrir le papier blanc". <http://societeduras.com/wp-content/uploads/2013/05/colloque-louvain-resume.pdf>

Referências

ADLER, Laure. *Maruerite Duras*. Paris : Gallimard, 1998

BAJOMÉ- Danielle. *Duras ou la Douleur*. Bruxelles : De Boeck-Wesmael, 1989

BORGOMANO, Madeleine. L'oubli c'est la vraie mémoire. MEURÉE, Christophe et
PIRET, Pierre. *De mémoire et d'oubli*. Bruxelles : Peter Lang, 2009

BORGOMANO, Madeleine. L'oubli c'est la vraie mémoire. <http://societeduras.com/wp-content/uploads/2013/05/colloque-louvain-resume.pdf>

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. NOVAES, Adauto (org). *O Olhar*. São Paulo:
Cia das Letras, 1990. p.65-87.

DURAS, Marguerite. *L'Amant*. Paris : Minuit, 1984

....."Le rêve heureux d'un crime". *Outside*. Paris : P.O.L., 1984b

.....*La douleur*. Paris : P.O.L., 1985

.....*O Amante*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 1985b

.....*A dor*. Trad. Vera Adami. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FREUD, S. *Le malaise dans la civilisation*. Paris : Seuil, 2010

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: 34, 2006

LECARME, Jacques, LECARME-TABONE, Eliane. Autobiographie et mémoires.
L'autobiographie. 2ed. Paris : Armand Colin, 1999, 47-53.

PEREIRA, Mario Eduardo da Costa. *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta, 2008

RICOEUR, Paul. *De la mémoire et de la réminiscence. La mémoire, l'histoire, l'oubli*.
Paris : Seuil, 2000, p.1-163.